

A ÚLTIMA DANÇA DE CHAPLIN

FABIO STASSI

A última dança de Chaplin

TRADUÇÃO DE MARCELLO LINO



Copyright © 2012 Sellerio Editore, Palermo

TÍTULO ORIGINAL

L'ultimo ballo di Charlot

PREPARAÇÃO

Luna de Oliveira Valeriani

REVISÃO

Milena Vargas

Clarissa Peixoto

DIAGRAMAÇÃO

editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S798u

Stassi, Fábio

O último baile de Chaplin / Fábio Stassi ; tradução Marcello Lino. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

224 p. ; 23 cm.

Tradução de: L'ultimo ballo di Charlot

ISBN 978-85-8057-656-6

1. Ficção italiana. I. Lino, Marcello. II. Título.

14-18058

CDD: 853

CDU: 821.131.1-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Entre os convidados estava Jascha Heifetz, o célebre violinista. Todos insistiam em que Heifetz se apresentasse; ele pegou o violino de Chaplin e começou a tocar, mas ficou petrificado, como todos os presentes, quando percebeu que, das cordas, saíam apenas desarmonias insensatas.

Chaplin sorriu, tirou o violino das mãos de Heifetz e tocou um trecho de Bach com a mão esquerda. Todas as cordas estavam montadas no sentido inverso.

“Entenda bem”, disse Chaplin, “eu sou uma pessoa feita ao avesso e de cabeça para baixo. Quando, na tela, dou-lhe as costas, o senhor vê algo expressivo como um rosto. Sou principalmente um dorso.”

New York Times Book Review and Magazine,
12 de dezembro de 1920

E sempre havia alguém que girava a manivela...

A máquina crepitava com o som do frigar de um ovo, a cruz de malta começava a girar com as pás do obturador, e a película avançava aos solavancos, como um ciclista na curva de uma pista: pedaladas lentas, suor, olhos atentos e, por fim, o mergulho...

Uma espada de luz que cortava a escuridão.

Saía de uma caixa e se dilatava aos poucos, desenhando duas diagonais perfeitas na sala... e só isso já era um espetáculo; era possível ficar ali olhando sem entender: fumaça e luz, e, dentro, poeira, nada além de poeira, minúsculas partículas suspensas que nadavam no ar, subiam e desciam, sucediam-se, brincavam de imitar o universo... Mas, se você apertasse os olhos e olhasse bem, via, dentro de toda aquela poeira, homens com bigodes como os de uma morsa, o cassetete de um policial, um cão, uma mangueira para regar o jardim, um velho Ford, tortas de chantilly que voavam, um sifão de água gasosa, a saída dos operários de uma fábrica, a chegada de um trem e figuras de mulheres maravilhosas que flutuavam com leveza. Naquela espada de luz, você via os quadris de uma mulher, mas não adiantava tentar tocá-los, você jamais conseguiria.

Acontecia antes que a luz se chocasse com um obstáculo e tudo se recompusesse em imagens. Antes que os bigodes se estampassem sobre os rostos dos homens, as mulheres tornassem a ficar em pé e os objetos voltassem a tomar forma.

Durava a distância entre o projetor e a grande tela branca ao fundo.

Para mim, o cinema era o tempo daquela viagem.

Nas primeiras vezes, eu nem sequer virava a cabeça.

Não me interessavam os filmes, apenas aquela poeira no ar, o seu movimento.

Quando eu contar a minha história, eu dizia a mim mesmo, começarei daí. Do momento em que a manivela do projetor começa a girar.

*A minha história está toda naquele espaço antes da parede.
Acreditem ou não, trata-se da história do homem que inventou o cinema
antes dos irmãos Lumière ou do bioscópio de Max Skladanowsky.
Uma arlequinada em preto e branco para a noite de Natal.
Uma pantomima romântica em um mundo de serragem, risadas e lágrimas.*

Interna, noite. 24 de dezembro de 1971

É a noite de Natal de 1971. Um homem de oitenta e dois anos acende a luz do cômodo. Sentada na poltrona ao lado da janela está a Morte, envolta em uma capa.

A MORTE: Estava esperando você.

O homem traça uma calça surrada e deformada e um paletó pequeno. Levanta o chapéu-coco apoiado na cabeça como cumprimento.

HOMEM: Eu também. Sessenta anos atrás, uma cartomante me disse que você viria hoje.

A MORTE: É por isso que vestiu o figurino?

O homem começa a circular pelo aposento com um passo cansado como o de um pinguim. Bate na perna de uma cadeira e pede desculpa. Também pede desculpa ao tapete e à luminária próxima à parede.

A Velha o observa, séria.

O homem, então, para e tira o chapéu-coco.

HOMEM: Só queria fazer você rir.

A MORTE: Você não faria nem uma criança rir. Pare com essa comédia ridícula e vamos.

O homem sente o mesmo pânico do dia em que estreou em Nova York... Esforça-se para fazer caretas engraçadas, mas tem vontade de chorar.

HOMEM: Meu filho Christopher tem apenas nove anos e ainda precisa de mim. Eu gostaria de vê-lo crescer mais um pouco.

A MORTE: Você deveria ter pensado nisso quando, com aquela idade, o pôs no mundo.

HOMEM: Minha mulher sempre disse que havia se casado com um homem jovem.

A MORTE: Sua mulher é uma pessoa gentil...

HOMEM: Não é justo. Chamei você tantas vezes quando eu era pequeno como meu filho, morava em um sótão em Londres e batia com a cabeça toda vez que me sentava na cama enquanto minha mãe olhava para fora por uma janela...

A MORTE: Ainda não era a sua hora.

HOMEM: Eu chorava e repetia o endereço para que você fosse me pegar: último andar de Pownall Terrace, número 3.

A MORTE: Chega, já é tarde.

HOMEM: Espere, vou fazer você rir, é a única coisa que sei fazer.

A MORTE: Ninguém jamais conseguiu.

HOMEM: Vou fazê-la rir, tenho certeza. Veja.

O homem tenta outros números, mas não adianta. Faz muito tempo que não os executa.

A MORTE: Você realmente se tornou um velho patético. Troque de roupa, não vai querer vir assim, não é?

O homem está desanimado, o bigode postiço solta-se dos lábios e cai no chão, mas, quando se curva para pegá-lo, as costas travam na metade do caminho. Ele fica ali, imóvel no meio do tapete, incapaz de se erguer: vencido, decrépito e com dor.

A MORTE: Ha, ha!

O homem fica confuso. Parece que a Morte riu, mas a dor tapa os seus ouvidos. Contudo, ele não se enganou. A Morte está rindo, há lágrimas em seus olhos.

HOMEM: Você está rindo...

A MORTE: É você que me faz rir. Veja o seu estado.

HOMEM (*tentando em vão se levantar*): Você disse que ninguém jamais havia conseguido.

A MORTE: É, você tem razão, ninguém. Ha, ha!

HOMEM: Quero propor uma aposta (*fala com sofrimento, naquela posição incômoda*): você virá a cada Natal e, se eu a fizer rir novamente, me deixará viver até o Natal seguinte...

A MORTE: Não pense que será fácil. Esta noite, me descontraí.

HOMEM: Vou me empenhar.

A MORTE: Eu não deveria ficar discutindo com um ator.

HOMEM: É uma aposta leal.

A MORTE: Está bem, Vagabundo, voltarei daqui a um ano. Você mereceu: no fundo, é bom rir.

HOMEM: Até o próximo Natal, então.

A Morte desaparece da poltrona. O homem se apoia com dificuldade na escrivaninha e solta um grande suspiro de alívio.

PRIMEIRO ROLO

Corsier-sur-Vevey, 24 de dezembro de 1977

Caro Christopher James,

Esta noite, celebrarei meu octogésimo oitavo Natal com a família, como os últimos, e a história que estou prestes a escrever é o presente que decidi lhe dar. Com você, tenho uma dívida que não pode ser saldada. Você é meu último filho, tem apenas quinze anos e eu o concebi quando já tinha mais de setenta. Você crescerá sem mim. Por isso, preciso me apressar antes que a minha morte cause alvoroço em todo o planeta. Segundo o que me disse uma cartomante de São Francisco em 1910, eu já deveria ter morrido de broncopneumonia há seis Natais, após ter tido muita sorte durante toda a vida.

Há seis anos, a cada Natal, a Morte vem me procurar. Senta-se à minha frente e me espera. Nessas ocasiões, visto o meu figurino de vagabundo e interpreto um dos meus velhos esquetes. Se ela ri, concede-me outro ano de vida. É o nosso pacto. Não morrerei enquanto continuar a diverti-la. Mas devo reconhecer que, nos últimos tempos, tenho ficado mais enferrujado. Não teria arrancado dela nem sequer um sorriso se não fosse justamente pela minha velhice, que é a idade mais cômica que se pode ter.

Esses seis anos já foram uma bênção imensa. Eu gostaria de vê-lo crescer, ficar forte, aprender música. Mas, esta noite, a Velha permanecerá séria e fria, aboletada na minha poltrona, mesmo diante de uma *gag* perfeita. Porque a perfeição não faz rir, Christopher. Esta é a última vez que uso o figurino de Carlitos. Estou sentindo nos meus ossos, e os meus ossos nunca mentiram para mim: estou prestes a sair de cena. Mas, no fundo, não me desagrada

que a Velha me leve embora em um dia como este, no qual se comemora universalmente o nascimento de uma criança.

Quero passar estas últimas horas com você.

Há muitas coisas que devo lhe dizer.

Vesti-me com apuro, como antigamente, maquiei os olhos com sombra preta e abri outra vez a caixa do bigode falso: se eu não o colocar da maneira certa, será o fim.

Agora, escrevo a esta pequena mesa de madeira, em um canto do meu quarto. Estou convencido de que, nas mesas pequenas, pouco volumosas, as ideias permanecem agrupadas e não devemos persegui-las pela parede, como lagartas ou lagartixas; basta esticar o braço e pegá-las pelo rabo.

Da minha vida, sabe-se tudo, ou quase.

Há alguns anos, publiquei uma autobiografia que foi vendida por toda parte e milhares de páginas foram escritas a meu respeito. O meu nome, só de ser pronunciado, provoca admiração em todos os cantos do planeta, desde a Birmânia até a Terra do Fogo. Talvez fosse melhor dizer o nome do personagem que criei, em uma tarde chuvosa em 1914, durante a gravação de um curta-metragem, escolhendo roupas do tamanho errado em um vestiário masculino. Mas já contei essas anedotas de todas as maneiras, embora me surpreenda sempre lembrar a misteriosa simplicidade com a qual Carlitos ou *The Tramp*, o Vagabundo, como os americanos o chamam, surgiu.

Nunca confessei a ninguém, contudo, como a minha carreira realmente começou e todas as histórias que estou prestes a escrever agora, pois nem mesmo a sua mãe, a minha Oona, teria acreditado. Eu não queria estragar o segredo mais precioso da minha existência, uma espécie de promessa infantil à qual eu gostaria de poder dizer que permaneci fiel e que redime todos os meus erros, as minhas contradições e o caos das minhas lembranças. Mas, agora, já estou suficientemente velho para não dar a mínima para a minha reputação e para outros temores desse tipo. Na minha idade, é fácil se confundir. Afinal, como é possível acreditar que apertei a mão de Debussy ou de Stravinski, Rubinstein, Brecht, Gandhi, que joguei tênis, de short, com Eisenstein e Buñuel, que fui recebido por reis, príncipes e presidentes, que os meus filmes fizeram Albert Einstein cair em prantos como uma criança? A minha memória é um guarda-roupa tão inverossímil que não sei mais se realmente vivi ou se sonhei o que ele contém. Para mim, não pode existir uma fronteira clara entre todas

as coisas que aconteceram comigo e aquelas que não parei de inventar apenas na minha cabeça. Mesmo que um pouco de ridículo se abata sobre a minha velhice, isso só pode me fazer bem, pois, ao contrário do que se pensa, fui um homem terrivelmente sério e obcecado pela perfeição. Os macarthistas que sobreviveram à vergonha do Vietnã ou alguns colegas invejosos poderão finalmente tachar os meus discursos delirantes sobre uma sociedade mais justa, mais livre e mais humana como a prova de minha doença mental. Afinal, os nazistas também me odiaram, embora eu não tenha tido a sorte de ser judeu. Proibiram *Em Busca do Ouro*, retrataram-me com o nariz adunco e me rotularam de pequeno acrobata judeu, tão asqueroso quanto enfadonho. Não era a primeira perseguição que eu sofria, e também não foi a última. Na Pensilvânia ou na Carolina do Sul, a Ku Klux Klan e as Associações de Ministros Evangélicos, dezenas de bons cristãos americanos que não cobriam de petróleo apenas os rolos de celuloide, censuraram e proibiram os meus filmes desde o início. Mas nem mesmo os homens com as suásticas puderam impedir que o meu vagabundo, que, até então, com a sua voz áspera, havia entoado apenas uma canção sem sentido, subisse até a tribuna mais importante da Europa nas vestes de um barbeiro; ninguém mais havia conseguido roubar o microfone de Hitler... Após descer daquele palco, eu não soube mais encontrá-lo. Afastou-se como uma nuvem de poeira nos campos de Auschwitz ou de Buchenwald: tudo o que ele tinha a dizer foi dito de uma só vez.

Mas, esta noite, sou eu que estou contando tudo de uma só vez, e não gostaria de ser interrompido na melhor parte. Peço apenas um pequeno esforço de imaginação porque a minha história fala de coisas muito distantes dos resplandecentes gramados suíços que circundam a nossa casa. Não havia a serenidade de nenhum lago ou montanha naquela época, quando eu realmente era um vagabundo e não precisava interpretar.

Está na hora de dizer a você onde nasci: não em Londres, como está escrito por toda parte — embora ninguém jamais tenha encontrado um documento oficial —, mas em uma floresta negra perto de Smethwick, no centro da Inglaterra, e em cima de uma carroça de artistas de rua que se chamava Rainha Cigana. No ano seguinte ao do primeiro curta-metragem da história do cinema, filmado por Louis Aimé Augustin Le Prince, uma cena que durava a eternidade de dois segundos. Desde o início, o circo, a minha vida e a do cinema se misturaram muito mais do que as pessoas possam imaginar.

Assim que vim ao mundo, os meus pais se separaram. Comigo, foi assim.

Como você sabe, sua avó Hannah era uma vedete do teatro de variedades. Tinha o apelido de Lillie e possuía um talento para os rostos. Apoiava as mãos no vidro de uma janela como se estivesse contando os batimentos cardíacos de outra pessoa. Estudava as pessoas. Depois, as imitava: a maneira como alguém caminhava ou cumprimentava levantando o chapéu, as expressões que fazia. Mas, um dia, algo começou a rachar dentro dela; Hannah perdeu a voz, o sono e a pensão (dez xelins por semana), a luz da sua beleza se ofuscou e ela começou a desmoronar rapidamente.

Seu avô também era um artista. Cantor profissional, ator do teatro de variedades e declamador. Segundo a sua avó, ele era parecido com Napoleão Bonaparte, mas, como muitos artistas de teatro, não fazia outra coisa senão beber. Eu não o via quase nunca e, quando o via, tinha sempre uma impressão desagradável. O álcool havia eliminado todo o seu fascínio e destruído a sua carreira e o seu sangue. A última vez que cruzei com ele foi em um *pub* de Kennington Road. Foi também a primeira vez na vida que ele me abraçou.

Eu encontrava com mais frequência o meu avô, que trocava solas de sapatos em Londres, na sua pequena casa em East Lane, e acalentei muitas vezes o sonho de me tornar sapateiro como ele. Era um ofício que me fascinava. Eu gostava do cheiro do couro e da cola, de todo aquele trabalho manual e da paciência necessária. Ele havia construído uma bancada em um canto e ficava ali o tempo inteiro, até mesmo à noite. A mulher não morava mais com ele: depois de ter costurado gáspeas durante anos, ela começou a se distrair com homens mais jovens. A ovelha negra da família. Infelizmente, eu a vi pouco, mas devo àquela andarilha que vendia paletós usados nas ruas a consciência de não ter uma gota sequer de sangue azul nas veias.

Felizmente, sempre tive ao meu lado Syd, meu irmão mais velho, sem a ajuda de quem eu nunca teria feito nada. Syd sabia transmitir segurança: quando as coisas davam errado, ele pegava o trompete e soprava, dilatando as bochechas de uma maneira tão cômica que acabava com toda a minha melancolia. Também sabia se divertir com as palavras e inventava o tempo todo novos trava-línguas, cantilenas e jogos de memória para os dias vazios.

Devido às nossas dificuldades econômicas, Syd e eu passamos dois invernos em uma instituição de caridade para órfãos à margem do Tâmis, mas,

com cinco anos, eu já havia estreado no teatro, cantando a música de Jack Jones no lugar da minha mãe. Ela havia parado na metade e não sabia como continuar. Foi o primeiro sinal da sua doença. Lançaram-lhe de tudo: vaias, almofadas, moedinhas. Eu sabia de cor aquela canção e me saí muito bem, apesar de, agora, ser muito fácil dizer que eu era um predestinado. A verdade é que me entreguei às luzes da ribalta somente para salvar minha mãe da humilhação e da loucura, e tudo o que fiz em seguida continuou a ser marcado pela promessa raivosa de uma criança envergonhada de se tornar o maior ator do mundo.

Depois, nos mudamos para Manchester, aprendi a dançar em cima de tamancos e entrei, com outros sete meninos, para uma trupe que se chamava Eight Lancashire Lads. As pessoas iam nos ver dançar e se divertiam. Contrataram-nos no Hippodrome de Londres para uma pantomima sobre Cinderela.

Durante o Natal, como agora.

Passaram-se oitenta anos, Christopher, já imaginou?

Oitenta longos anos.

No entanto, me lembro com mais facilidade de tudo aquilo do que do jantar de ontem.

Ali, aprendi a dar cambalhotas e saltos mortais e a andar com as mãos.

O Hippodrome tinha um picadeiro que, quando necessário, era alagado para tornar as cenografias e os balés ainda mais espetaculares. Puseram-me um figurino com uma cauda e disseram-me para girar em torno das pernas de Cinderela como se fosse um gato.

Foi ali, atrás daquele picadeiro, enquanto eu ensaiava para o meu papel, que uma noite ouvi uma conversa entre o grande palhaço branco Marceline e o malabarista Zarmo. Eu mal sabia ler ou escrever, mas, acredite, sabia ouvir muito bem. Não esqueci uma palavra daquele diálogo.

“Estão chamando de a invenção do século, viu?”

Zarmo o escutava enquanto jogava para cima três bolinhas coloridas.

“É o cinematógrafo, meu caro Marceline.”

“Isso mesmo, o cinematógrafo vai colocar todos nós no olho da rua, você vai ver. Quem vai querer ir a um circo ou a um teatro para saber como se mexe um mímico ou um palhaço?”